

## RENATO CASTELO BRANCO E A BUSCA DE “UMA ESSÊNCIA DA CIVILIZAÇÃO PIAUIENSE”: HISTÓRIA, IDENTIDADE E LITERATURA

João Carlos de Freitas Borges\*

### O literato e os devaneios do tempo: à guisa de uma introdução

[...] Eu trago comigo memórias longínquas  
de crianças correndo sobre dunas.  
Memórias de corrupiões e carnaubais.  
Eu trago comigo memórias esquecidas  
de que não tenho consciência.  
E rasgos luminosos  
que me falam de saudades estranhas. [...]

CASTELO BRANCO, Renato. *Memórias*. In: Amor e Angústia. 1ª Ed. São Paulo: RR Editores. 1986

A passagem acima é um fragmento de poema que ilustra, mesmo que de forma breve, o quanto a memória atravessa a escrita de Renato Castelo Branco<sup>1</sup>. Estas “memórias longínquas” e estes “rasgos luminosos” que falam de “saudades estranhas” permeiam os textos do autor fazendo com que funcionem como uma espécie de válvula de escape para seus anseios, suas frustrações e seus sentimentos mais recônditos: como sugere o título de um de seus livros, seus *amores* e suas *angústias*. Este fragmento é apenas um, dentre inúmeros, onde o escritor deixou suas reminiscências converterem-se em escrita e que demonstram como Renato foi um homem que fez do escrever uma forma de recordar, uma forma de “atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Fato este que não é estranho, se considerarmos que ele foi um sujeito cuja trajetória – no sentido boudieusiano do termo<sup>2</sup> – é atravessada por temporalidades e espacialidades múltiplas. Tendo durante boa parte de sua vida se dividido entre a literatura e as atividades da publicidade, o Rio de Janeiro, São Paulo e Nova York foram apenas algumas de suas casas. Mas em meio a tantas experiências, idas e vindas, era da terra natal – do Piauí – que Renato lembrava quando escrevia.

Nesta comunicação analisamos duas das primeiras obras deste autor: *A Civilização do Couro* (1942) e *Teodoro Bicanca* (1947). Nas obras, o escritor, assumidamente, objetiva explicitar uma certa identidade piauiense, que para ele se constituiria a partir da demonstração das peculiaridades do Estado a serem evidenciadas. Neste sentido, pretendemos analisar a construção – nessas obras – daquilo que o autor chama de “essência da civilização piauiense”.

---

\*Mestrando do Programa de Pós-graduação em História do Brasil da UFPI. E-mail: joaocarlos\_icapui@hotmail.com.

Para lançar luz sobre este processo, procuraremos compreender as obras dentro das condições socioculturais nas quais foram elaboradas, entendendo o autor enquanto sujeito temporal e espacialmente localizado, e buscando estabelecer as relações possíveis entre tais variáveis, e esta intenção explícita de estabelecer uma “essência” para o Piauí.

### **Renato Castelo Branco, sua vida e sua escrita**

No ano de 1981, Renato Castelo Branco já tinha cinquenta e sete anos de idade, três filhos, uma grande agência de publicidade – a Castelo Branco, Borges & Associados (CBBA), fundada por ele e por um grupo de amigos em 1971 – e uma brilhante trajetória profissional. Ali, num dos momentos mais intensos da sua carreira de publicitário, Renato decidiu escrever um livro que se constitui enquanto importante fonte para este trabalho: trata-se da obra *Tomei um Ita no Norte*. O referido texto é composto por narrativas de episódios da vida do autor, escritos, arrumados e enredados por ele mesmo. É, como se pode perceber, uma autobiografia – tipo de fonte que merece um trato específico e bastante cuidadoso.

O historiador italiano Giovanni Levi, em *Os Usos da Biografia*, discute uma série de questões problemáticas acerca de como este tipo de relato tem sido apropriado pela historiografia. No texto, uma das principais constatações feitas pelo autor diz respeito à tendência que nós historiadores temos de “imaginarmos que os atores históricos obedecem a um modelo de racionalidade anacrônico e limitado”, e de que “contentamo-nos com modelos que associam uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem incertezas” (2005[1989], p. 169). Para Levi, em outras palavras, é como se nós historiadores, inimigos da incoerência, sempre tendêssemos a elaborações de perfis biográficos engessados, em detrimento de narrativas que contemplassem a mutabilidade que, na prática, caracteriza a trajetória de vida dos sujeitos históricos. Nas autobiografias, tipos específicos de biografia, isto não acontece de forma diferente.

Pierre Bourdieu, em *A Ilusão biográfica*, afirma que:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário. (2005[1986], p. 184)

Tais constatações são importantes para que nós possamos fazer as devidas perguntas ao documento biográfico, sem nos conformarmos com a “ilusão retórica” que apresenta a vida dos sujeitos como um todo monolítico, unidirecional, e dotado de sentido (Ibidem, p.185).



Assim, partimos dos pressupostos de que: (a) Renato não escreveu “a sua vida” em um livro – ao contrário disto, ele selecionou, objetiva e subjetivamente, os fatos que deveriam ser narrados, os encadeou em uma cronologia, e atribui a eles uma lógica que os confere coerência e inteligibilidade –; e (b) que ele mesmo, Renato, é um sujeito fragmentário que assumiu vários papéis, ocupou vários espaços e, como todo sujeito, é passível de oscilações de ética, opinião e visão de mundo. Para além disto, esta forma de pensar o documento biográfico nos faz entrever que Renato é um tanto quanto suspeito (como qualquer outro autobiógrafo) para falar de si mesmo. É necessário, portanto, questionar-se a todo momento sobre os interesses dele pela narração de determinados episódios de sua vida e cotejar esta fonte com outras que possam nos ajudar a lançar luz sobre as temporalidades que constituem o pano de fundo de *Tomei um Ita no Norte*.

Levando em consideração o apontado, apresentamos aqui um esboço biográfico de Renato constituído por um cruzamento de fontes hemerográficas e literárias, cujo objetivo é nos ajudar a compreender alguns aspectos da trajetória de vida deste homem em sua relação com o mundo das letras. Começemos então pelos contatos iniciais entre Renato e a literatura.

O primeiro livro publicado por Renato Castelo Branco foi um ensaio sociológico chamado *A Chimica das Raças*, de 1938, no qual fez uma “análise das migrações, invasões e movimentos populacionais em geral, como veículos de cultura e plasmadores de raças históricas, em contraposição às raças naturais” (CASTELO BRANCO, 1981, p184). Apesar de ser um trabalho inicial, Renato recebeu elogiosa crítica de nomes respeitados como Lemos de Britto e Fernando Callage<sup>3</sup>. Ao resenhar e analisar a referida obra, C. Itaparica, colunista da *Folha do Povo* de Pelotas-RS, afirmou que:

Depreende-se logo que se está em face de um autor cuja mentalidade não se encautela em ideias pré-concebidas dogmaticamente [...] Não devemos finalizar essa nossa obscura avaliação d’A Chimica das Raças, sem que digamos num merecido preito de justiça à capacidade mental de seu autor, que ele, como sociólogo, apresenta-se com características muitíssimo promissoras e brilhantes. Seu livro, em conjunto, é digno do maior apreço e merecedor, por sem dúvida, de altos graus e elogiosas referências da crítica autorizada. E merecedor, ademais, de prêmios honrosos – todos a nosso ver legítima e honrosamente conquistados. O Sr. R. P. Castelo Branco deve prosseguir, afim de proporcionar-nos novos e bons volumes como esse. (ITAPARICA, 1938, p. [?])

Bem recebido pela crítica, Renato Castelo Branco, em *A Chimica das Raças*, aborda uma temática ampla e – como ele mesmo assume – complexa para um iniciante. Nas palavras do autor, “Era, como se vê, um tema muito ambicioso para minha pouca cultura e pequena experiência literária. Mas ainda hoje me surpreendo com a ampla e elogiosa crítica” (CASTELO BRANCO, 1981, p. 183). Este foi, pois, um dos motivos pelos quais escolhemos

lidar com o seu segundo livro: o ensaio sociológico *A Civilização do Couro*, publicado em Teresina no ano de 1942. Outro motivo foi o fato de ser neste seu segundo livro que Renato começa a falar especificamente do Piauí.

Apesar de ter publicado sua primeira obra ainda aos vinte e quatro anos, o interesse de Renato pelo mundo das letras é bem anterior a isto. Ainda no secundário, cursado no Ginásio Parnaibano – tradicional colégio daquela cidade que “já a partir de 1860 consolida-se como principal entreposto comercial do Piauí” (MENDES, 1995, p.73) –, Renato faz as suas primeiras incursões literárias. A principal inspiração eram as leituras diversas possibilitadas pelo acesso às bibliotecas particulares de seu pai e de seu tio José Pires de Lima Rebelo, que foi um dos fundadores do referido colégio. Em suas memórias, Renato aponta que “De Michel Zevaco e Alexandre Dumas, passei para a biblioteca de tio José, para Alencar, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo, Machado de Assis, Eça de Queiroz. Comecei a escrever poesia.” (CASTELO BRANCO, 1981, p. 81). Entusiasmado com o universo das letras, com o fantástico e com os novos mundos encontrados nos livros, o ainda menino Renato passou a integrar o corpo editorial do jornal *O Ateneu*, órgão oficial dos alunos do ginásio.

Aqueles anos de secundário foram muito conturbados para Renato, uma vez que correspondem a um dos períodos de maior complicação econômica de seu pai. Nestes anos Renato contou com a ajuda de seu tio Lima Rebelo, que além de seu mentor intelectual e de toda uma gama de futuros intelectuais parnaibanos, ajudava muitos jovens que não tinham condições de pagar as mensalidades do ginásio. Para compreendermos melhor esse período inicial da formação de Renato, vejamos agora alguns aspectos da configuração social na qual estava inserido e como se posicionava dentro desta configuração.

Naquele início de século XX, a cidade de Parnaíba tinha sua economia baseada na exportação marítima de produtos extrativistas. O látex de maniçoba (*Manihotglaziovii*), ao lado da cera de carnaúba (*Coperniciacerifera*), do babaçu (*Orbigniamartiana*), e do algodão, eram os principais gêneros de exportação piauienses (MENDES, 1995, p. 60). A historiadora Júnia Motta Rego, em Tese de doutoramento defendida junto à Universidade Federal Fluminense, elenca vários fatores que marcaram o ambiente social parnaibano no período em questão. No ponto de vista da autora, o desenvolvimento da atividade mercantil e a presença de imigrantes de diversos lugares do mundo, contribuíram para um processo de remodelação urbana que atravessou Parnaíba na transição do século XIX para o século XX.

O contato estabelecido com a Europa a partir das atividades comerciais de firmas como a Casa Inglesa – casa de importação e exportação instalada ali em 1849 –, por exemplo, transformou a cidade. Através dessas casas comerciais chegavam a Parnaíba vários produtos

européus vindos principalmente de Liverpool, na Inglaterra. Eram perfumes, espelhos, relógios de parede, sedas, casimiras, linhos, chapéus, bebidas e outros artigos que exerciam uma forte atração sobre a crescente, porém limitada, elite local. Rego (2010, p.173-174), ao se referir à Casa Inglesa, afirma que coube a ela

introduzir no Piauí, em 1915, os produtos do petróleo, caso do carbureto, do querosene *Jacaré*, e da gasolina, a máquina de costura, o primeiro automóvel e o primeiro motor à *diesel*, dentre outras inovações que sinalizavam as mudanças de hábitos e costumes, bem como a modernização da cidade.

A influência dos imigrantes europeus associada à pujança econômica advinda do comércio fizeram emergir das estreitas ruelas que restaram da Parnaíba colonial, largas avenidas margeadas por palacetes em estilo eclético. A cidade se transformava. E junto com as mercadorias que vinham da Europa, vinham também novas sensibilidades. Os gostos se modificavam, novas sociabilidades se estabeleciam, e aos poucos Parnaíba começava a organizar-se com o auxílio de equipamentos urbanos cuja presença era percebida em poucas cidades nordestinas. A Santa Casa de Misericórdia, fundada em 1896; o Grupo Escolar Miranda Osório em 1922; a Ferrovia Parnaíba/Amarração em 1923, o Ginásio Parnaibano e a Escola Normal em 1927, são exemplos contundentes de que o impulso gerado pelo comércio vinha a algumas décadas, reconfigurando o cenário urbano de Parnaíba. Algumas dessas mudanças apontadas podem ser percebidas na imagem a seguir:



Figura 1 – Palacetes localizados na Rua Grande, posteriormente chamada de Rua João Pessoa (atual Avenida Getúlio Vargas) em meados da década de 1920.  
Fonte: Acervo de Arquivos Pessoais do CPDOC/FGV.

É possível perceber através da imagem, que na década de 1920 a arquitetura de Parnaíba já era muito carregada de elementos visuais europeus. Chalés, Sobrados e outros



modelos arquitetônicos adornavam as principais ruas da cidade, que agora eram ocupadas pelos novos *Ford*<sup>4</sup>. A cidade ebulia. Mas as marcas da presença europeia transcendiam às modificações de seu aspecto físico. Elas tomam materialidade no cotidiano dos sujeitos. Os meninos que antes andavam de bicicleta – os mais abastados - ou no lombo de animais e que aos feriados iam à Amarração – atual cidade de Luís Correia –, agora descobrem *o football*, que até então era novidade em Parnaíba. As escolas particulares fundadas por professoras vão aos poucos desaparecendo do cenário urbano. As casas como a da famosa *Tia Marocas*, mestra imortalizada pela obra de Humberto de Campos, vão aos poucos sendo substituídas por escolas públicas. O barulho dos automóveis, a chegada do cinema e as trocas culturais estabelecidas com as famílias europeias, fazem do viver em Parnaíba, uma experiência nova.

Em um texto do Almanaque da Parnaíba de 1924, intitulado *Parnahyba: influência da municipalidade na sua evolução*, as transformações acontecidas na cidade são apontadas enfaticamente pelo autor, que coloca como fator determinante nesse processo as ações de dois governantes municipais: Nestor Gomes Vêras e José Narciso da Rocha Filho. Apesar de enfatizar o papel dos administradores nas transformações urbanas em questão, o autor elucida também o papel da iniciativa privada no crescimento que a cidade vivia àquele momento. Dizia ele:

Aquelle que pela vez primeira visita hoje Parnahyba, quase impossível se lhe torna fazer uma apreciação do rápido ascendente que vem tendo nossa urbe, na senda do progresso, conquistando pelo esforço exclusivo de seus habitantes e da Comuna, o principal logar entre as demais cidades do Estado [...]

A iniciativa particular se deve a melhor somma dos melhoramentos actuaes, não se podendo comtudo negar que nelle teve influencia preponderante o Governo Municipal. Deste modo, si por um lado vemos a cidade se auzentar dos seus velhos prédios afeiados que vão desaparecendo para ceder logarà novas construções elegantes e confortáveis, por outro lado a Municipalidade se empenha em realizar outros benefícios que condizem com essa evolução progressiva. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1924, p. 2-3)

Inserido neste cenário estavam Renato e sua família: Os Castelo Branco e os Pires - duas influentes e tradicionais famílias piauienses. Alguns nomes de destaque da política, da educação e da economia da cidade eram familiares de Renato. Mas seu pai, principalmente depois de 1930, quando perdeu seu emprego de tabelião, passou por sérios problemas econômicos.

A família Castelo Branco foi uma das responsáveis pelo processo de colonização do Estado do Piauí. No entanto, Renato nasceu em um desmembramento genealógico que já não desfrutava da pomposidade e da riqueza que seus descendentes portugueses desfrutaram. O filho de seu Francisco e D. Ormindá é bisneto de Lívio Lopes Castelo Branco, um dos líderes

da *Balaiada* no Piauí, que por sua vez era tetraneto de um Capitão do exército português chamado D. Francisco da Cunha Castelo branco, fundador da família no Brasil (CASTELO BRANCO, 1981, p29).

Os Castelo Branco de Parnaíba – que por sua vez tinham origem em Barras –, ramo da família do qual Renato fazia parte, enfrentaram um sério processo de decadência econômica a partir da primeira metade do século XIX. Seu pai, Francisco Ferreira Castelo Branco, foi o penúltimo filho de uma empobrecida prole, cuja educação não passara do 2º ano no *Liceu Piauiense* – importante colégio de Teresina. Homem humilde, nunca desfrutou de alto status social. “Em Paranaíba foi sucessivamente gerente de loja, dono de escritório de representações, importador-exportador, associado de uma companhia de navegação fluvial, escrevente, tabelião e guarda-livros” (Ibidem, p.31). Participava dos círculos sociais em função de seu nome, mas viveu períodos alternados de instabilidade econômica.

Já a família materna de Renato eram os Pires Ferreira. Sua mãe, Ormindia Pires Rebelo, era descendente de uma também nobre família piauiense. Porém, de uma família cujas ramificações mais abastadas se estabeleceram no Rio de Janeiro. Sua avó, D. Antônia Pires Ferreira, ficou viúva muito cedo e criou seus filhos com as rendas de uma pequena loja de tecidos que fundou em Parnaíba (a *Casa Parnahybana*) após a morte de seu esposo. A mãe de Renato nunca desfrutou de riqueza. Casou-se com Francisco Ferreira Castelo Branco em setembro de 1911, tendo com ele cinco filhos: Hiran, Renato, José Ribamar, Maurício e Mário (que faleceu no seu terceiro dia de vida) (FERREIRA, 1992, p. 225).

Desta forma, advindo do cruzamento de famílias nobres, mas tendo a infelicidade de pertencer a suas ramificações mais pobres, Renato e seus irmãos tiveram que enfrentar cedo a dura realidade da vida. Já em 1928, quando tinha quatorze anos, Renato chegou a solicitar um emprego a Celso Nunes, que àquele momento era diretor da já citada Casa Inglesa. Para fazê-lo, Renato enviou a Celso uma carta que versava o seguinte:

Parnahyba, ce 24 June, 1928.

§ M. Celso Nunes.

§ Cher monsieur: Je viens d'ecrire a M. Septimus, en lui priant un employment, s'urque, tattendre, votreaussi valuable entervention. § Comme vous a déjà dit mon père, je parle plus au moins le Français et l'Anglais; je sais ecire a la machine et surtout, je connais que/que chose de l'Escturation Mercantil. § Avec la certitude de votre bienveillance M., je suis votre sincer serviteur, (a) Renato Pires Castello Branco. (CASTELO BRANCO, 1981, p.31-32)

Num francês precário, Renato Castelo Branco pedia ajuda ao diretor daquela casa comercial alegando que já falava francês e inglês, que sabia usar a máquina de escrever e que entendia “alguma coisa” de escrituração mercantil. Se Renato conseguiu ou não o emprego,

isto ele não nos contou. A única coisa que transparece em sua fala é a necessidade e a angústia de um garoto que via seu pai empobrecer muito rapidamente, vivendo em uma cidade que segregava os pobres. Parnaíba, ao mesmo tempo em que apresentava uma pungente economia, era uma cidade marcada pela exclusão e marginalização das camadas menos favorecidas economicamente. No caso de Renato, essa questão era ainda mais complicada, uma vez que suas origens eram aristocráticas e as condições de sua família àquele momento não condiziam com o status que o seu sobrenome carregava. Só restava a ele o estudo, um dos poucos bens que seu pai conseguiu deixar-lhe.

Em 1933 Renato aportou no Rio de Janeiro. Cheio de ideias e ideais, era mais um nordestino que tentava a vida na metrópole, se aventurando por um mundo ainda desconhecido, vislumbrando um horizonte de esperanças e sonhos. Mas quem era Renato? O que pensava àquele momento? Deixemos que ele mesmo nos responda:

Meu sonho era o sucesso literário. Meus paradigmas eram Olegário Mariano, Ademar Tavares, Humberto de Campos, que para mim ainda não acontecera a Semana de Arte de 22. Meu grande objetivo, distante, inatingível, era a Academia Brasileira de Letras. Meus problemas intelectuais eram a criação do mundo e a existência divina. Queria substituir Deus por uma explicação racional do universo. Revivia o drama de Jean Barrois, dividido entre o misticismo de minhas convicções hereditárias e o espírito racional de nossa época, tentando provar ou contestar a existência de Deus para concluir pela impossibilidade de conseguir uma coisa ou a outra. Trazia em minha bagagem intelectual o evolucionismo de Darwin e de Haeckel, a cosmogonia de Kant e Laplace, o positivismo de Augusto Comte. Discutia a origem do homem, a origem da alma, a origem da Terra, inconsciente de que me aguardavam os grandes problemas de nosso século e a luta para sobreviver. (Ibidem, p.101)

Formado por essas experiências e modelado pelas leituras que fazia, Renato não saiu de Parnaíba por vontade própria. Partir para ele era como uma compulsão. A ida era posta como uma fatalidade, como algo inevitável. “Tomar um Ita no Norte”, entrar naquele navio sem saber se um dia voltaria, era menos um privilégio que uma condição de sobrevivência. Renato partiu, se formou em Direito, conheceu outros espaços e outras pessoas. Mas foram estas vivências da infância que influenciaram, em partes, a escrita de suas primeiras obras literárias.

### **Rastros de uma piauiensidade em *A Civilização do Couro* (1942) e *Teodoro Bicanca* (1947)**

Os primeiros anos no Rio de Janeiro foram difíceis para Renato. Tanto que, já em 1934, escreveu um livro chamado *Armazém 15*, que “era um romance de fundo social, em que



se contavam as frustrações, revoltas e amarguras de um jovem nordestino sem qualificações profissionais, [...] num Rio de Janeiro de economia estagnada” (Ibidem, p. 128), e que não foi publicado em função dos conselhos e críticas de Lima Rebelo. Aliás, embora não tenha chegado à tão sonhada cadeira na Academia Brasileira de Letras, a ida de Renato Castelo Branco ao Rio de Janeiro foi bastante produtiva, apesar de todas as dificuldades.

Na década de 1930, Renato ingressou na publicidade (1935), formou-se em Direito (1937), além do que escreveu e publicou seu primeiro livro (*A Chimica das Raças*, de 1938). Já em 1933, recém-chegado na capital federal, Renato começou a figurar nas páginas dos jornais cariocas em função de seu destaque nas atividades acadêmicas da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Em Junho daquele ano, o *Diário de Notícias* publicou o seu poema *Impulso* e já anunciava um livro chamado “Convulsão”, que nunca foi publicado (CASTELO BRANCO, 16 jun. 1933, p. 18). O jornal carioca *A Batalha* noticiou o seu segundo lugar no Concurso de oratória ocorrido na Casa do Estudante do Brasil (SEMANA, 31 out. 1933, p. 9). Notícia esta que também foi publicada em *A Noite* (TORNEIO, 30 out. 1933, p. 2), no *Correio da Manhã* (RUNIÃO, 29 nov. 1933, p.6) e em *O Paiz* (NOTICIÁRIO, 31 out. 1933, p. 4). Quando estudante, Renato ocupou cadeira na Academia de Letras da Faculdade de Direito – como indica matéria publicada em *O Paiz* de junho de 1934, que enfatiza sua participação como orador nas homenagens ao aniversário de morte de Aluísio de Azevedo (HOMENAGENS, 20 jan. 1934, p.6) –, e fez parte do Centro de Estudos Jurídicos e Sociais daquela faculdade. (CENTRO, 27 mai. 1934, p.6)

Para além dos textos de e sobre Renato na imprensa carioca, durante este período inicial de sua estada no Rio de Janeiro, o jovem universitário piauiense estabeleceu constante contato com o *Almanaque da Parnaíba* – anuário que circulava em sua cidade desde 1924. Dos seis almanaques da década de 1930 aos quais tivemos acesso (1932, 1933, 1934, 1937, 1938 e 1939), encontramos quatro textos seus: três poemas e um trecho de conto. Destes, um foi escrito em 1931 (publicado no almanaque de 1932) e outros dois foram escritos em 1932 (publicados no almanaque de 1933), quando Renato ainda estava em Parnaíba; outro foi escrito em 1937 (publicado no almanaque de 1938), quando Renato já havia se formado. *Vingança das Borboletas*, título dado a este último texto, é fruto de um daqueles “rasgos luminosos” que falam de “saudades estranhas”, aos quais nos referíamos na epígrafe deste trabalho:

O sol nascia;  
o dia nascia  
as arvores verdes



Accordavam no pomar.  
Acordavam os pássaros;  
cantavam...  
cantava a natureza...  
cantava o vento, soprando nas folhas...  
cantava o céu, varrido de nuvens...  
cantava...  
cantava tudo, em torno de mim!  
E eu ia à caça das borboletas,  
corria nos campos vêrdes,  
os pés nús na herva inda fria,  
molhada de orvalho!  
Ah! Reminiscências...  
os banhos no rio,  
as correrias nos barrancos,  
a escalada das árvores altas e amigas,  
os panoramas de minha terra,  
oParnahyba imenso e vermelho,  
as aguas lentas rolando,  
serpenteando,  
e as balsas descendo nas aguas,  
e os homens descendo nas balsas,  
com o cérebro cheio de nada,  
o coração cheio de tudo!

Deixei as mattas floridas,  
deixei as horas vividas  
curvado sobre a terra,  
sentindo a natureza entrar-me pelos poros;  
deixei a briza deliciosa  
que beija docemente  
o colo adormecido  
de minha terra natal!  
Abandonei os campos cheios de vida,  
saltei os mares bravios,  
em busca de outras plagas.  
No caminho encontrei irmãos desconhecidos,  
tontos da luz da cidade,  
homens de todos os campos,  
ainda respirando natureza,  
as mãos cheinhas de flores agrestes.

E ficamos, assim, rodando como doidos,  
presos àquele circulo de fogo.

– Offuscação... borboletasazues...

(ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1938, p. 63)

No poema, Renato claramente evoca lembranças de sua infância e fala da sua partida para a capital federal. Melancolicamente, ele descreve a paisagem de sua terra natal, ao tempo em que se insere nessa paisagem. São os pássaros, os campos, os banhos no rio e ele a caçar borboletas, que no poema, funcionam como uma metáfora para esta relação dele com a cidade de sua infância. “Caçar borboletas” era usufruir daquele tempo e daquele espaço. Portanto, o título do poema – *Vingança das Borboletas* – é uma menção direta à saudade que Renato

sentia daquele tempo onde podia brincar livremente pelos campos de Parnaíba. É como se ele entendesse a saudade como um castigo das borboletas outrora caçadas, que agora se vingavam do caçador, simplesmente insinuando-se frente a ele, mas longe o suficiente para não serem capturadas novamente. Talvez tenha sido essa saudade que fez Renato voltar a Parnaíba em 1939, ocasião em que dá início à feitura de *A Civilização do Couro*.

No ano de 1939, o Dr. Renato Castelo Branco já era advogado. Com livro publicado na capital, aquele garoto matuto retornava ao seio familiar com um diploma de bacharel embaixo do braço e com muitas experiências novas. Agora, além das leituras adquiridas no secundário, tinha as da Faculdade: Marx, Engels e Lênin dialogavam e às vezes até se esbofeteavam com os já conhecidos Comte, Darwin e Haeckel. A revista *Panorama Estudantil* – novo órgão do Ginásio Parnaibano – daquele ano, já trazia uma página inteira com a foto do novo “doutor”, seguida de algumas palavras homenageosas que o colocavam “como uma das figuras exponenciais da cultura piauiense” (PANORAMA ESTUDANTIL, 1939, p. [?]).

Naquele momento, O Piauí vivia um período conturbado politicamente. Era apenas o segundo ano do *Estado Novo*, e o Interventor Federal no Piauí era Leônidas de Castro Melo, e em Parnaíba, o prefeito era Mirócles Vêras.

Na introdução de *A Civilização do Couro*, que foi publicado pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) e que recebeu apoio direto destes dois políticos, Renato coloca que quando chegou a Parnaíba foi levado por uma vontade imensa de, à luz dos estudos que desenvolvera na Faculdade, fazer um trabalho que possibilitasse a compreensão da terra, do povo e da civilização piauienses. (CASTELO BRANCO, 1942, p. 11)

Considerando insuficientes as escritas histórica e geográfica sobre o Estado, Renato Castelo Branco começou a escrever seu livro. Já na introdução ele expôs a percepção da necessidade de um esforço sistemático que objetivasse dizer o Piauí ao resto da nação. Uma vez estudando no Rio de Janeiro, Renato, um rapaz nordestino, sofrera discriminações várias em função de sua origem geográfica. Produzir um texto como *A Civilização do Couro* era uma espécie de resposta a todos àqueles que desconheciam as “belezas e as peculiaridades desta terra”. Nesse intento, ele afirma:

Os trabalhos sobre o Piauí são pouquíssimos, e os que existem estudam-no sob aspectos isolados, sem nos apresentar um panorama geral, uma compreensão sociológica, uma interpretação da alma das populações. Entre eles encontram-se, é verdade, obras da maior erudição e do maior mérito [...] Odilon Nunes, Lucídio Freitas, Clodoaldo Freitas, Pereira de Alencastre e inúmeros outros pesquisadores de nossa terra, que dedicaram sua inteligência ao estudo de um Estado tão desconhecido que inspirou a alguém suspeitas de sua não-existênciageographica [...] Nenhuma delas procurou pesquisar e definir a essência da civilização

piauhyense, as linhas mestras de seu organismo social e econômico, a sua alma, por assim dizer [...]. (CASTELO BRANCO, 1942, p.11-12)

Neste trecho Renato Castelo Branco aponta diretamente o problema de seu trabalho: “encontrar a essência da civilização piauhyense”. O livro é dividido em três partes. São elas, “A Terra”, “O Homem” e o “Meio”. Como é possível observar, a forma como Renato Castelo Branco procura entender a “sociologia do Piauí” é denunciadora do referencial teórico que o ampara. Ele é influenciado, assim como significativa parcela da geração de literatos piauienses do início do século XX, pelas teorias naturalistas/deterministas importadas da Europa. Por isso, pensava a identidade do povo como um produto das relações tecidas entre terra, homem e meio, de forma que o sujeito nunca poderia fugir a essas determinações. (FREITAS BORGES, 2012, p. 12)

Nesta obra de Renato, podemos destacar três aspectos centrais definidores dessa essência que ele buscava para o Piauí: primeiro, a relação do povo com o Rio; segundo, a relação do homem com o boi, o que fazia de todo piauiense, um vaqueiro nato; e por último, as relações sociais, que, para Renato Castelo Branco, faziam do Piauí uma “Civilização do Couro”, diferente da “Civilização do Açúcar” descrita e analisada por Gilberto Freyre em sua produção intelectual.

Para além das questões individuais, é preciso também considerar que a obra de Renato teve financiamento estatal, e foi publicada sob os auspícios do Departamento de Imprensa e Propaganda da República (DIP), que subordinava o DEIP. O governo Leônidas Melo investiu importantes cifras na ampliação da antiga Imprensa Oficial do Estado – só em 1939 foram Cr\$ 487.500,00 (INTERVENTORIA, 1943, p. 60) – tendo como princípio o fato de que “o Piauí possui aspectos verdadeiramente invulgares, quer pela multiplicidade de seus recursos potenciais, quer pela rápida expansão de sua riqueza econômica, quer, ainda pela magnífica capacidade de trabalho de sua gente” (Ibidem, p. 61). Para o DEIP, era preciso mostrar porque o Piauí era “diferente”. A correspondência existente entre *A Civilização do Couro* e este propósito estatal, fica evidente ao lermos o seguinte trecho:

[...] Pareceu-nos, deste modo, de utilidade imediata, a elaboração de um estudo que apresentasse o panorama piauhyense em traços amplos, um estudo synthese [...] apresentando, a par dos traços comuns aos outros Estados nordestinos, alguns aspectos peculiares, fuge a qualquer tentativa absoluta ao seu quadro geral. Elle tem, ao contrário como procuraremos demonstrar, uma feição própria, individualizada, que exige um estudo de per si. (CASTELO BRANCO, 1942, p. 12-13)

Como é possível perceber a partir do exposto, a obra de Renato emerge como um misto de questões individuais e sociais. Ela é fruto, portanto, de uma vontade particular que

Renato tinha de falar do seu estado, de entendê-lo, mas também de uma demanda sócio-política pela construção de uma imagem para o Piauí que o significasse frente aos demais Estados da Federação. É um caso exemplar para pensarmos as relações de reciprocidade existentes entre texto e contexto, tal qual sugere Williams (1982).

A escrita de Renato indica uma intensão em estabelecer uma identidade para o Piauí. Quando falamos em identidade, tomamos como referência as teorizações feitas por Hall (2005) e Benedict Anderson (1983) que pensam as identidades como comunidades imaginadas. Isso implica dizer que, não se pode falar, hoje, na existência ou mesmo na formação *da* piauiensidade; mas sim de *várias* piauiensidades. Por isso, quando lançamos olhar sobre a escrita deste autor, percebemos nela a produção de representações constituintes de *uma* identidade piauiense, frente a várias outras possíveis, formadas por outros fluxos discursivos. Em linhas gerais, concebemos por identidade “o conjunto das representações de uma cultura, capazes de diferenciar e unificar os sujeitos, em torno do sentimento de pertencimento a essa cultura” (FREITAS BORGES, 2011, p.20).

Seguindo os rastros destas representações de uma piauiensidade na escrita de Renato, nos deparamos com o Romance *Teodoro Bicanca*, texto publicado em 1947 pelo Instituto Progresso Editorial, de São Paulo. O livro conta a história do filho de um agregado de Fazenda, estabelecido em Parnaíba, descrevendo as relações entre senhores e agregados, e a difícil vida dos pobres urbanos naquela cidade. Em suma, *Teodoro Bicanca* funciona como uma espécie de ilustração para *A Civilização do Couro*. É como se Renato usasse esta segunda obra como um recurso retórico da primeira, descrevendo os cenários, as sociabilidades e os sujeitos, coisa que não pôde fazer no seu ensaio sociológico.

Ao alçarmos nosso olhar sobre as obras de Renato podemos perceber que esta sua vontade de dizer o Piauí não se esgarça nessas duas obras. Dos vinte e cinco livros publicados pelo autor, pelo menos vinte falam diretamente do Piauí: de sua história, de seu território, de suas gentes e de seus costumes. A hipótese que levantamos é a de que Renato era um sujeito que, tendo vivido em vários lugares e conhecido várias realidades, buscava através dos seus textos inventar não só uma piauiensidade, mas inventar a si mesmo. Falar do Piauí, estudar suas peculiaridades e suas características naturais, era uma forma enviesada de compreender o que era o Piauí, e no lastro deste entendimento, o que significava ser piauiense.

## **FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDERSON, B. *Imagined Communities*. Londres: Verso, 1983.

- BOURDIEU, Pierre. *A Ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- CASTELO BRANCO, Renato. Impulso. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1933, Terceira Secção, p. 18.
- \_\_\_\_\_. Vingança das Borboletas. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, n. 15, p. 63, 1938.
- \_\_\_\_\_. *A Civilização do Couro*. 1ª Ed. Teresina: D.E.I.P. 1942.
- \_\_\_\_\_. *Tomei um Ita no Norte: memórias*. 1ª Ed. São Paulo: LR Editores. 1981.
- \_\_\_\_\_. *Memórias*. In: *Amor e Angústia*. 1ª Ed. São Paulo: RR Editores. 1986.
- CENTRO de estudos jurídicos sociais. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27 mai. 1934, p.6.
- DR. Renato Pires Castelo Branco. *Panorama Estudantil*, Parnaíba, n.2, p.[?], jun. 1939.
- FERREIRA, Edgardo Pires. *A Mística do Parentesco: uma genealogia inacabada*. Vol. 2. São Paulo: Livraria Corrêa do Lago, 1992.
- FREITAS BORGES, J. C. de. *A Piauiensidade entre Suturas e Fissuras: um estudo sobre o nascimento de uma identidade indesejada*. 2011. 69f. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2011.
- \_\_\_\_\_. Palavras que gestam o ser: relações possíveis entre a invenção da Piauiensidade e a escrita de Renato Castelo Branco. In: ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 2, 2012, Teresina. *Anais Eletrônicos*. Teresina: UFPI/Alcar, 2012.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HOMENAGENS. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1934, Vida Social, p.6.
- INTERVENTORIA FEDERAL NO PIAUÍ. Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda. *A Administração Leônidas Melo: oito anos de governo*. Teresina, 1943.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- MENDES, Felipe. *Formação Econômica*. In: SANTANA, R. N. Monteiro (Org.). *Piauí: Formação. Desenvolvimento. Perspectivas*. 1ª Ed. Teresina: Halley, 1995.
- NOTICIÁRIO. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 31 out. 1933, p.4.
- PARNAHYBA. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, n.1, p. 2-3, 1924.
- RÊGO, J.M.A.N. *Dos Sertões aos Mares: História do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*, 2010, 305 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

REUNIÃO anual da união brasileira pro'temperança. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1933, p.6.

SEMANA antialcoólica. *A Batalha*, Rio de Janeiro, 31 out. 1933, p.9.

TORNEIO universitário de oratória. *A Noite*, Rio de Janeiro, 30 out. 1933, p. 2.

WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1982.

---

<sup>1</sup>Escritor e publicitário, Renato Pires Castelo Branco nasceu em Parnaíba, litoral do Piauí, em 1914. Filho de Francisco Ferreira Castelo Branco e Ormindia Pires de Lima Rebelo, Renato é fruto da união de duas famílias tradicionais e influentes do Piauí daquele período: os Castelo Branco e os Pires. Fez curso primário no Instituto Viveiros, em São Luís - MA; o Secundário no Ginásio Parnaibano, em Parnaíba - PI, e formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, em 1937. Durante toda sua vida dedicou-se à escrita literária, mas especificamente entre as décadas de 1930 e 1960 dividiu seu tempo entre a literatura e a publicidade. A propósito, Renato Castelo Branco é considerado por muitos, um dos pais da publicidade brasileira, estando envolvido na fundação da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo - ESPM, e de importantes órgãos ligados à categoria, como a Associação Brasileira de Propaganda - ABAP - e o Conselho Nacional de Propaganda (CNP).

<sup>2</sup> Para Bourdieu, "a noção de trajetória subentende uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações." (2005[1986], p. 189).

<sup>3</sup> Lemos de Britto foi escritor, editor e crítico literário baiano; Fernando Callagefoi escritor e crítico literário gaúcho.

<sup>4</sup> Os primeiros automóveis da marca *Ford* chegaram a Parnaíba em meados da década de 1920, trazidos pela Casa Inglesa. Sobre a atuação da Casa Inglesa nas atividades comerciais de Parnaíba, Cf. REGO, J. M. A. N. *Dos Sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. Tese de Doutorado em História Social defendida junto à UFF. Niterói: 2010.